

reportagem cultural

Quatro explosões musicais de Marcelo Birck

Cristiano Bastos, especial para o JC *

Graforréia Xilarmônica

Marcelo Birck considera que Luis Fernando Veríssimo - no texto intitulado *O que é isto*, escrito em 1998 - deu a melhor definição a respeito da Graforréia Xilarmônica (da qual Birck é um dos fundadores): “Para começar, isto precisa ser alguma coisa? Precisa. Tudo tem que ter um nome, uma história, um começo, uma definição, não necessariamente nesta ordem. Nome e história eles têm. A Graforréia Xilarmônica já andou por aí o tempo suficiente para ter fases, para parar e voltar algumas vezes e até para ser influência. Definição? Se Schönberg tivesse ganho uma guitarra elétrica no Natal... Não, não. Se os Beatles ainda estivessem todos vivos e ativos e decidissem só se auto-parodiar... Não, não. Se a Jovem Guarda voltasse ao mundo sem as calças boca-de-sino e com um espírito crítico... Não, não. Tente esta: a Graforréia Xilarmônica é tudo que você ouviu nos últimos 40 anos (mesmo que só tenha 17), reunido, batido e servido no seu estilo inconfundível - e indefinível. O que é isto? Só ouvindo”.

Prisão de Ventre

A Prisão de Ventre foi a “banda-laboratório” com a qual Marcelo Birck deu início à sua carreira. “Um bando de guris que não sabiam tocar direito, mas que acharam um nome e diziam que era um grupo musical”, ele define. Na verdade, diz Birck, era mais um conceito que propriamente um conjunto, agregado por referências compartilhadas e pela vontade de estar em uma banda. “Mesmo que não soubéssemos definir o que seria este conceito, de alguma forma ele nos motivava a seguir em frente”. Neste espírito, a Prisão de Ventre realizou algumas ações de provocação. Por exemplo, selecionar a dedo as roupas mais ridículas e sair para uma caminhada pelo bairro. Em 1984, os ensaios se tornaram mais constantes, e o repertório mais definido. Em seguida, começaram a fazer shows com a galera que deflagrou o que viria a ser conhecido como rock gaúcho: Urubu-Rei, Júlio Reny, Atahualpa Y Us Panquis, Fluxo (que foi o embrião do De Falla), e, um pou-



Marcelo Birck formou alguns dos projetos mais experimentais do rock gaúcho

co depois, o TNT.

Aristóteles de Ananias Jr.

A princípio, era só um nome que Marcelo utilizava para shows nos quais o repertório era criado na urgência, sem músicos fixos. Um projeto paralelo à Graforréia Xilarmônica, acionado conforme as circunstâncias. Porém, em 1991, em um momento em que estava sem banda, Birck decidiu convidar alguns dos músicos que haviam participado da proposta, a fim de definir uma formação, realizar ensaios regulares e compor repertório. “A intenção era radicalizar ideias que haviam sido esboçadas na Graforréia. Surfar entre deslocamentos, paralelismos e fricções, de pegadas pop a soluções inusitadas. Para tanto, a estratégia foi utilizar procedimentos formais filtrados por uma abordagem punk, mas sem priorizar idiomatismos. Esta fase coincide com

o meu período de maior engajamento no bacharelado em composição na UFRGS”, conceitua.

Os Atonais

Projeto intermediário entre o fim da Aristóteles de Ananias Jr e o começo da carreira solo de Birck. “Nem que fosse como um respiro, eu havia decidido simplificar minha proposta, o que me levou a retomar contato com o Leandro Blessmann. Logo estávamos compondo canções com inspiração no ié-ié-ié e na música brega dos anos 1970. Mesmo que fosse um trabalho mais voltado para o pop, a sonoridade do disco traz alguns timbres inusitados e inserção de ruídos. O nome surgiu em uma ocasião em que tomei contato com uma banda chamada Os Diagonais (da qual fazia parte o *soulman* Cassiano). Pela sonoridade próxima, me ocorreu Os Atonais.”

Liberdade calculada

Juann Acosta narra a experiência de atuar ao lado de Marcelo Birck.

“Toco com Marcelo Birck desde 2012. De lá para cá, seguimos gravando, experimentando e nos reencontrando quando ele está em Porto Alegre. Faço parte da banda que o acompanha nesses momentos - seja para registrar novas músicas, seja para testar ideias, explorar timbres, tensionar formas. A partir dessa convivência, fui entendendo melhor a lógica própria da música do Marcelo.

Ao longo desses anos, percebi que, na obra dele, os limites entre o certo e o errado - entre o que “funciona” e o que teoricamente não funcionaria - simplesmente deixam de existir como categorias fixas. Há uma colisão constante entre ordem e caos, mas não no sentido de desorganização: é uma experimentação que convive com rigor.

Nas canções do Marcelo, é comum encontrar melodias bonitas, harmonias luminosas, quase afetivas na sua simpatia imediata. Mas, ao mesmo tempo, surgem momentos de radical experimentação - efeitos quase caleidoscópicos, progressões harmônicas pouco convencionais, trechos que à primeira escuta podem parecer aleatórios. E não são. Há uma lógica interna, um método invisível.

O que ele tem buscado cada vez mais é essa ideia de encontrar no acaso algo que jamais surgiria de uma busca excessivamente intencional. Como se o gesto criativo precisasse se libertar da obrigação de acertar para, então, acertar de outro modo. A noção tradicional de estrutura, de lapidação, de “boas notas” e “boa harmonia” não desaparece - mas se dilui. Às vezes o lugar mais inusitado é justamente onde a canção encontra sua forma.

Há uma liberdade calculada. Uma soltura com propósito. Marcelo trabalha com colagens, sobreposições de informação melódica, fluxos que não precisam necessariamente se repetir para fazer sentido. É uma música que aceita a efervescência - e que transforma essa abundância numa unidade orgânica.

Em 2026, ele chegou a um território onde tudo pode combinar, onde quase qualquer elemento pode funcionar se estiver inserido dentro da lógica interna que ele constrói. E esse lugar é intransferível. Ninguém faz igual, porque não se trata apenas de técnica ou ousadia - mas de uma visão muito particular sobre como o caos pode ser organizado sem deixar de ser vivo. Desaparece - mas se dilui. Às vezes o lugar mais inusitado é justamente onde a canção encontra sua forma.”

Crianças adultas

Por Lule Bruno (músico e compositor)

“Escrevo este texto na condição de fã assumidamente declarado. Para mim, Marcelo Birck criou (e continua a criar) uma das melhores e mais criativas obras musicais no Rio Grande do Sul. Disparado. Nada nem ninguém se assemelha às criações de Birck. Colocaria Júpiter Maçã em um distante segundo lugar. E digo mais: Aristóteles de Ananias Jr. é a maior banda da história deste Estado. Ninguém chega nem perto. Em termos sônicos, agrada-me aos ouvidos; as letras são de um grande humor e bom gosto. Os timbres não mentem jamais.

“Vou alimentando a ilusão de um plano astral, desfrutando dos prazeres do mundo material”. Tem aceleração de fita, atonalidade, gravações de trás para

frente - simplesmente tudo o que eu mais amo, com letras para lá de hilárias e, ainda por cima, em português, repletas de referências específicas do humor debochado gaúcho dos anos 1990 e o pessoal da vanguarda paulista e samba dos anos 1930. E os caras ainda faziam filmes de ficção científica, como Projeto Espacial B (recomendo, tem no YouTube).

Os shows eram um delírio dadaísta, com figurinos a caráter e psicodelia. O primeiro disco solo do Birck é o meu álbum favorito feito no Brasil. Não tem música ruim, não tem momento desperdiçado. Ele utiliza meu recurso favorito de fazer música: o elemento surpresa. Deixa o ouvinte sempre na ponta dos pés, na corda bamba, a cada momento com um corte abrupto ou situação inesperada, sons do além. Marcelo faz isso